



DOI: 00.0000/0000-0000.2018x0y0z0

A Contribuição da Teoria Humanista para a Formação Integral do Aluno

The Contribution of Humanist Theory to Integral Student Formation

MATIAS, Eriglécia de Lima. Discente do curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano- IF Sertão Campus Salgueiro. Salgueiro - PE - Brasil. CEP: 56000-000/ Telefone: (88) 3392.4441 / E-mail: eriglecialm@gmail.com

LACERDA, Regiopidio Gonçalves de. Discente do curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano- IF Sertão Campus Salgueiro. Salgueiro - PE - Brasil. CEP: 56000-000/ Telefone: (88) 3564.1000 / E-mail: regiopidio@hotmail.com

OLIVEIRA, Cristiane Ayala de. Doutora/Tecnóloga em Agroindústria

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano- IF Sertão Campus Salgueiro. Salgueiro - PE - Brasil. CEP: 56000-000/ Telefone: (87) 99664-3349 / E-mail: cristiane.ayala@ifsertao-pe.edu.br

RODRIGUES, Adriana de Carvalho Figueiredo. Doutora/Agrônoma

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano- IF Sertão Campus Salgueiro. Salgueiro - PE - Brasil. CEP: 56000-000/ Telefone: (87) 3421-0050 / E-mail: adriana.figueiredo@ifsertao-pe.edu.br

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar a compreensão da teoria de Carl Rogers relacionando com a formação do estudante de ensino médio da educação profissional na sua perspectiva contemporânea de proporcionar formação integral. Para tanto, realizou-se a revisão de literatura sobre as teorias do autor, abordando suas contribuições da teoria humanista para a educação como um todo, e de modo específico, para educação profissional técnica. A pesquisa foi realizada a partir da leitura e análise de textos, artigos e livros sobre a obra de Rogers. O material de pesquisa foi selecionado conforme a relevância e especificidade, utilizando-se descritores, dentre outros, Carl Rogers e educação e formação integral. Faz-se alusão ao pensamento pós-rogeriana ou neorogeriana, na influência da sua abordagem em novos trabalhos em todo o mundo, o que faz do seu pensamento ainda extremamente atual e que nos leva a também considerá-lo quando da análise de uma proposta dentro da psicologia da educação, sobretudo na proposta de educação integral no ensino técnico e tecnológico.

Palavras-chave: Carl Rogers, Educação Profissional Tecnológica; Abordagem Centrada na Pessoa.

ABSTRACT

The present article aims to present the understanding of Carl Rogers theory relating to the formation of the high school student of professional education in its contemporary perspective of providing integral formation. To this end, a literature review of the author's theories was conducted, addressing his contributions from the humanist theory to education as a whole, and specifically to technical professional education. The research was conducted from the reading and analysis of texts, articles and books about Rogers' work. The research material was selected according to relevance and specificity, using descriptors, among others, Carl Rogers and education and integral formation. It is alluded to post-rogerian or neorogerian thought, in the influence of his approach in new works around the world, which makes his thinking still extremely current and that leads us to consider it also when analyzing a proposal within the psychology of education, especially the proposal for integral education in technical and technological education.

keywords: Carl Rogers, Technological Professional Education; Person Centered Approach.



Introdução

O pensamento de Carl Rogers embora tenha assumido diversos focos, inclusive com a divisão da sua teoria em várias fases ao longo da sua carreira realizada por muitos pesquisadores, podemos analisar que um ponto em comum que se observa ao longo de toda sua vida, apesar da existência de uma diversidade de vertentes a respeito da sua produção, é a chamada Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), ponto de convergência da obra desse estudioso.

Já em um dos seus primeiros livros, *Psicoterapia e Consulta Psicológica*, de 1942, vemos uma abordagem que o próprio Rogers define como “Psicoterapia Não Diretiva” ou “Aconselhamento Não Diretivo”. Essa teoria, passa por diversas denominações, “Terapia Centrada no Cliente”, Ensino Centrado no Aluno”, “Liderança Centrada no Grupo, e finalmente, “Abordagem Centrada na Pessoa”. Contudo, ao identificar o elemento do conceito de tendência atualizante, que o próprio Rogers irá cultivar durante toda sua existência, independentemente do foco a ser analisado, e que o mesmo o define como sendo “uma tendência inerente, presente em todos os seres humanos, a desenvolver-se em uma posição positiva (ROGERS, 1973; 1975; 1977a; 1977b; 1978; 1978b; 1983 apud MOREIRA, 2019) que passa a ser o centro do seu pensamento e da sua atuação.

Assim, de acordo com Rogers (1985), um dos princípios da educação seria desenvolver a capacidade nata de desenvolvimento pessoal que os indivíduos possuem, cabendo a escola então boa parte deste trabalho o que, de certa maneira, casa com o pensamento de escola integral que pretendemos analisar, posto que vislumbramos que o crescimento pessoal do aluno é parte integrante e essencial da sua formação técnica-científica.

A teoria de Carl Rogers sob a ótica de pesquisadores

Vários pesquisadores e seguidores de Carl Rogers dividem o seu trabalho em diversas fases, dependendo da linha teórica e metodológica por ele adotado. No entanto, a divisão em fases é a mais difundida e seguida atualmente, seja pela sua maior clareza ou por ter sido proposta por quem acompanhou e colaborou mais de perto com os trabalhos desenvolvidos por Rogers, qual seja a que foi primeiro elaborada por Hart & Tomlinson (1970) e seguida por autores como Wood (1983), Moreira (1990; 2001; 2007) e Holanda (1998).

Dessa forma o trabalho de Carl Rogers é assim dividido em três fases no que se refere a psicoterapia: Fase Não-Diretiva (1940-1950), Fase Reflexiva (1950-1957) e Fase Experimental (1957-1970). Moreira ainda cita uma fase referente a Acompanhamento Centrada na Pessoa chamada de fase coletiva ou Inter-Humana (1970-1987).

Para situarmos a base da nossa análise a respeito da contribuição do pensamento de Carl Rogers para a aprendizagem e embasar a relação que faremos acerca das contribuições deste teórico para o Ensino integrado em educação técnica e tecnológica seguiremos com uma rápida abordagem a respeito de cada uma das fases apontadas.

A primeira fase, denominada de Fase Não-Diretiva, (1940-1950) tem-se embasamento na obra que foi lançada no Brasil apenas na década de setenta (1973), com o título “psicoterapia e



Consulta psicológica, mas que já havia sido publicada originalmente nos Estados Unidos em 1942 com o nome de Counseling and psychotherapy, nela, Rogers demonstra uma interessante busca da análise a partir do interesse pelo indivíduo e não pelo problema que ele apresenta, assim, coloca como centro da discussão o presente do paciente e não o seu passado, partindo dos conceito que desenvolve a respeito da capacidade de evolução do indivíduo para o seu próprio crescimento e para a sua saúde.

Segundo Moreira (1990; 2001; 2007), este método fez com que Carl Rogers fosse bastante criticado, sobretudo por críticos franceses, sob a afirmativa de que o método proposto seria ineficaz por ser excessivamente permissivo, deixando que o paciente decidisse o rumo que a terapia deveria tomar, no entanto, a ideia era que o terapeuta fosse o menos invasivo possível, a fim de desconstruir a ideia de autoridade do psicoterapeuta, criando assim, um ambiente de auto análise e descobrimento (MOREIRA, 2001; 2007).

Já na chamada Fase Reflexiva, (1950-1957), Rogers traz à tona a ideia de que a terapia deve proporcionar ao cliente uma capacidade de reflexão, devendo o terapeuta assumir o papel de promover um ambiente facilitador para que o cliente seja capaz de refletir, dessa forma a ideia anterior de “não-direção” seria substituída por outra de “centramento no cliente”.

A fase experiencial que vai de 1957 a 1970 traz-nos uma abordagem que mostra a mudança de paradigma do pensamento rogeriano, pois observa-se que o principal elemento a ser levado em consideração no trabalho de psicoterapia passa a ser a própria experiência vivida do cliente, do psicoterapeuta e entre ambos (CURY, 1987;1988), dando agora um lugar de destaque para a figura do terapeuta, o que não acontecia nas fases anteriores. Vê-se, portanto, claramente uma nítida mudança de direção, já que nesta fase podemos vislumbrar um direcionamento em busca da fenomenologia (MOREIRA, 2001; MOREIRA, 2007).

Com a mudança da perspectiva de Rogers, de uma psicoterapia voltada para o indivíduo para um trabalho voltado para grupos mais amplos, o que se observou nos seus últimos quinze anos de vida. Moreira (1998) propõe esta última fase da carreira de Carl Rogers, que se estende de 1970 a 1987, como sendo a fase coletiva ou inter-humana.

Holanda (1998) analisa esta fase como a fase em que o trabalho de Rogers transpõe os limites do indivíduo em si, e busca uma abordagem em que amplia o seu campo de visão para outras ciências, seria a fase de um pensamento mais preocupado com questões gerais, e que demonstra “uma preocupação com o homem e com o mundo” (HOLANDA, 1998).

Por último, nesta pequena retrospectiva da evolução do pensamento de Carl Rogers forçoso se faz uma alusão ao pensamento pós-rogeriana ou neorogeriana, como denomina também Moreira (2007), pois é notável a influência da sua abordagem em novos trabalhos em todo o mundo, o que faz do seu pensamento ainda extremamente atual e que nos leva a também considerá-lo quando da análise de uma proposta dentro da psicologia da educação, sobretudo na proposta de educação integral no ensino técnico e tecnológico, onde cabe, sem dúvida, pensando no aluno como indivíduo, uma abordagem centrada na pessoa.

Outra grande contribuição que Rogers nos pode legar, a partir do seu trabalho crítico em relação às formas como as ciências, em especial a psicologia, tratava o desenvolvimento das pessoas,



sobretudo a partir do advento e da difusão do método do comportamentalismo, que segundo Rogers, abrigava-se no condicionamento e na conseqüente despersonalização do indivíduo a fim de ser tratado como método efetivamente científico. A visão de Rogers sugere exatamente ao contrário, ou seja, um trabalho centrado na pessoa, a fim de ser capaz de potencializar o desenvolvimento da pessoa.

Podemos então, a partir desse raciocínio de Rogers, implementar a ideia de desenvolvimento de educação integral que seja, da mesma forma, centrada na pessoa, na sua completude, com o objetivo não apenas de formar a mão de obra, mas de formar o indivíduo em si, a partir do desenvolvimento pessoal das potencialidades da sua tendência atualizante.

A teoria de Carl Rogers X A educação profissional e tecnológica

Fazer uma análise da obra de Carl Rogers observando a sua relação e contribuição para a formação integral do aluno nos leva, obrigatoriamente, a ressaltar a importância da teoria humanista desenvolvida nos seus trabalhos para educação de uma forma geral e para a educação profissional de maneira particular.

Observamos que a ideia central desenvolvida por Rogers, a Abordagem Centrada na Pessoa, pode ser associada às ideias desenvolvidas acerca dos princípios da politécnica e da omnilateralidade, na medida em que, assim como em Marx, que defende uma escola que seja capaz de desenvolver uma educação que tenha por princípio a formação do aluno de maneira que ele seja capaz de reconhecer em si e no mundo a sua volta a sua própria existência enquanto ser que produz o espaço e dele se apropria. Diferente da visão de escola tradicional burguesa que simplesmente reproduz a dicotomia de classe e passa a tratar os alunos não como pessoas capazes de transformarem a si e o espaço que o cerca, mas como meros elementos de uma sociedade de classes que, por esta distinção, devem receber uma educação também distinta, sendo relegado aos estudantes da classe trabalhadora o papel de aprender a técnica de forma totalmente alienada e que sirva apenas para a reprodução do capital e da lógica de classes.

Assim como as grandes transformações que ocorreram no mundo do trabalho a partir do advento e desenvolvimento das técnicas e das tecnologias, sobretudo ao longo do século XX, que alteraram substancialmente as relações de trabalho, percebemos que a forma de trabalhar a formação dos jovens também devem passar por uma revolução e que esta pode ser representada pela ideia de formação integral do jovem, principalmente no ensino técnico e tecnológico.

No entanto, possibilitar a formação integral, omnilateral e politécnica irá requerer uma série de abordagens cujo referencial teórico pode ser encontrado nos estudos desenvolvidos por diversos pensadores, não necessariamente de perspectivas Marxistas, mas que de forma indireta contribuem o embasamento desta ideia, como observamos na obra de Carl Rogers.

Assim, a partir das teorias Rogerianas, nas suas três fases de desenvolvimento, esse trabalho tem como objetivo fazer uma relação entre o pensamento de Rogers e a ideia de formação integral do aluno na educação técnica e tecnológica.



Material e métodos

O trabalho tem por objetivo compreender e fazer uma relação entre a tendência pedagógica de Carl Rogers com a educação profissional em sua formação integral. Neste sentido, foi realizada uma revisão de literatura sobre as tendências pedagógicas das teorias do autor, abordando as contribuições da teoria humanista para a educação profissional.

Os materiais utilizados nas pesquisas bibliográficas foram de suma importância para a compreensão e embasamento das conclusões relacionadas ao tema. É importante destacar que foram utilizados trabalhos já publicados envolvendo o estudo das tendências pedagógicas de Carl Rogers.

A pesquisa foi realizada a partir da leitura e análise de textos, artigos e livros sobre a obra de Rogers. O material de pesquisa foi selecionado conforme a relevância e especificidade, sendo utilizados 01 texto, 01 boletim, 01 de congresso, 13 artigos, 01 Dissertação, 02 Teses e 01 livros.

As fontes de pesquisa utilizadas neste trabalho tiveram como descritores foram: Carl Rogers e educação, aprendizagem significativa, educação inclusiva, teoria humanista, teoria centrada na pessoa, Rogers e teoria da aprendizagem, teoria Rogeriana sobre educação, aplicação da teoria de Rogers, Carl Rogers e suas concepções (LIMA et al., 2018), educação profissionalizante e formação integral do aluno. Como critério de exclusão de pesquisa considerou-se: publicações que apresentassem assuntos divergentes ao do objetivo deste trabalho (LIMA et al., 2018).

Resultados e discussão

As adaptações inerentes da abordagem rogeriana desde sua gênese denominada como “não-diretiva” até a sua abordagem mais ampla que ficou conhecida como “centrada na pessoa” contribuíram significativamente para que a referida teoria pudesse transitar em outras áreas técnicas para além da seara da psicoterapia, dentre elas, a área da educação.

Essa transversalidade de área ou entre áreas foi possível, sobretudo, mediante o entendimento de quem seria os sujeitos protagonistas do processo. Inicialmente o sujeito limitava-se no cliente, do consultório, da terapia, contudo ao chegar no sujeito da “pessoa” como principal ator do processo, pode-se inferir que ampliou-se ou por que não dizer universalizou as inúmeras aberturas de se trabalhar em outros contextos, na medida que a “pessoa” pode ser o cliente como inicialmente pensado, mas também o empregado das empresas, o membro da equipe, o atleta do time, e na educação, o principal sujeito da aprendizagem que é o estudante, abordagem “centrada no aluno”, sobretudo nas relações que são estabelecidas.

Corroborando com o disposto, Oswaldo de Barros Santos, ex professor de Psicologia na USP e conselheiro do Conselho Federal de Psicologia (CFP) (SANTOS apud A IMPORTÂNCIA..., 1998, p.35).

“...as mudanças benéficas para a personalidade ocorrem não em virtude de teorias ou técnicas mas, sobretudo, em função de atitudes do terapeuta, ou seja, da relação humana que se estabelece entre as pessoas, seja no



consultório psicológico, seja na sala de aula, no complexo organizacional das empresas ou mesmo entre os grandes grupos dos povos e nações.”

As contribuições de Carl Rogers e suas abordagens para a educação são de natureza essencial haja vista ter trazido para o setor educacional a compreensão de perceber o professor como mediador, facilitador, ou, educador-facilitador da aprendizagem. Desconstruindo assim a concepção tradicional preponderante da época e ainda em muitos contextos atuais que tinha (ou tem) o professor como o dono do saber e este saber se transmite para o aluno. Na perceptiva de Roger o professor tem como missão não transmitir o conhecimento, mas facilitar para que o aluno construa seu próprio conhecimento, seja protagonista do aprender. Nesse sentido, Roger (1973) assim exprime: “O educador-facilitador deve ajudar seu aluno a entrar em contato com os seus interesses, objetivos e expectativas, incentivando-o a ser um agente da sua própria aprendizagem.

Um outro elemento essencial no processo pedagógico foi a abordagem dada ao conceito de aprendizagem, um significado como premissa básica para consolidação do ato de aprender. Segundo Rogers a aprendizagem só faz realmente sentido quando se constrói de forma significativa, precisa fazer sentido para o aluno, só assim o aprender se torna consciente, congruente. Mais uma vez desconstruindo algumas concepções de aprendizagem, dentre elas que não se pode ensinar tudo e que não há um produto pronto e acabado de aprendizagem para ser entregue ao aluno, esse processo é construído na medida que há um significado para quem aprende, só assim se possibilita a consolidação do conhecimento aprendido em um conhecimento consciente, confrontado ferozmente com o modelo tradicional vigente.

Ao abordar as perspectivas sobre as influências das aulas no comportamento humano constatou, com base nas suas próprias experiências que, tudo que é aprendido de forma significativa é o que se torna consciente e que alcançar a congruência é fundamental para elaborar um conteúdo aprendido em conteúdo consciente, interferindo e causando mudanças significativas na personalidade do estudante (ROGERS, 1985).

Hoje, no ensino médio como um todo, e de modo particular na educação profissional, a pauta vigente e desafiadora é o pensar um currículo que objetive integrar os diferentes saberes. De não perceber o ensino compartimentado em caixas que não dialogam com as demais áreas do conhecimento, e na educação profissional superar as dualidades teoria versus prática, formação geral versus formação técnica.

De acordo com Kuenzer (2005), “a denominação do currículo integrado é uma tentativa de ruptura com a dicotomia entre trabalho manual e científico e dualidade estrutural por meio de práticas interdisciplinares e constituídas coletivamente de inserção social e construção da cidadania.”

Neste cenário hoje se defende e se entende que o currículo precisa ter um elo integração dos diferentes saberes e que escola precisa buscar contemplar o alunos nas suas dimensões como um todo, sócio-emocional, política, digital, cultural, dentre outros, não se restringindo somente ao cognitivo. Embora esse debate seja atual, ao se estudar Carl Rogers pode-se perceber na teoria humanista, elementos que já davam conta dessa visão contemporânea do fazer pedagógico.



Segundo Silva, Morais e Barbosa (2013) os conceitos de Carl Rogers valorizam o indivíduo por completo. No ensino contemporâneo só está sendo estimada o componente intelectual, de forma que tendem a fazer uma separação de elementos que são inerentes, o conhecimento cognitivo está interligado com as experiências do homem (mente, corpo, cognição, emoção, sentimentos e inteligência). Desta forma, suas concepções vieram a contribuir nas pesquisas na área da educação, com o intuito de compreender o desenvolvimento da criança no todo, percebendo e valorizando sua expressão de inteligência não somente a questão do raciocínio, mas as habilidades linguísticas, físicas, musicais, cognitivas, corpóreas, interpessoais e intrapessoais.

Nesse contexto, conforme Amatto e Alves (2016), Rogers objetivou possibilitar o desenvolvimento integral da criança, ou seja, crescimento acadêmico e profissional, como também sua autonomia no processo de aprendizado. Ponderava que este processo necessitaria ser iniciado automaticamente, pois, deste modo o estudante teria a capacidade de dirigir seus próprios interesses e objetivos.

Pode-se arriscar inferir que a teoria humanista foi uma das precursoras das discussões que hoje entendem essa necessidade de perceber a pessoa do aluno como um todo, bem como a integração dos conhecimentos. Contudo, Carl Rogers chama atenção que a teoria humanista parte do pressuposto que o crescimento pessoal perpassa por três atitudes que facilitam esse processo: a congruência, a consideração positiva incondicional e a compreensão empática.

A congruência sendo entendida como uma convergência exigindo do facilitador uma autenticidade que reflita confiança a pessoa, no caso, o aluno. A condição ou atitude é a consideração positiva incondicional do facilitador para com o aluno. O aluno precisa se sentir aceito, sentimento de pertença da forma que é, sem condições de aceitação. Por sua vez o senso do mundo interno e das significações pessoais do cliente como se fosse, ele próprio, seu próprio mundo, mas sem perder esse "se". Isso significa que cada um compreende o outro, mas cada um conserva o seu Eu, o seu plano pessoal de referências. A individualidade, a personalidade e a expressão pessoal do Ego são sempre enormemente respeitadas. Este tipo de atitude é chamada compreensão empática do cliente, ou, simplesmente, empatia.

De todas as atitudes, registra-se aqui um maior destaque como precursora da formação integral e currículo integral a congruência, pois é do conhecimento de todos que fazem a educação profissional que o dualismo, como já foi reportado, precisa ser superado, romper com os modelos pré-fabricados, compartimentados, buscando modelos que estimulem a criatividade, a curiosidade, a capacidade de abstração e o pensamento que fomente a congruência entre o saber prático e o saber teórico, evidenciando a possibilidade de aproximação entre eles, ou seja, como os objetos funcionam (prática) e como os objetos são (teóricos) fazem parte de um mesmo processo, situando a diferença entre eles, como estilos de aprendizagem ou forma diferentes de aprender.

Por fim, a educação brasileira muito já se avançou nos últimos anos nas concepções básicas das abordagens "centradas na pessoa, no aluno, trazidas por Carl Rogers na sua concepção humanista; todavia faz-se oportuno registrar que ainda se encontra muita resistência a proposta humanista, quer seja pelo professor, ou pelo aluno, ou pela política pública haja vista a cultura ainda forte da educação tradicional e pelos últimos anos o ensino por competências e na educação



profissional a subserviência ao mercado de trabalho, realidades é claro que não se impedem de realizar sempre e cada vez mais a difusão da abordagem construcionista que traz o paradigma de que aprender é construir relações, vem sendo apoiado por vários outros entusiastas de Rogers, possibilitando encontrar os fundamentos humanistas e da ACP em vários Projetos Político Pedagógicos de diversas escolas (RIBEIRO, 2007).

Conclusões

A teoria desenvolvida por Rogers, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), dialoga perfeitamente com as ideias desenvolvidas na perspectiva da formação politécnica e omnilateral e Unitária de Gramsci na medida que convergem pra escola que busque dar conta de uma formação integral, formar o estudante por inteiro, nas suas plurais dimensões; diferente da visão de escola tradicional, que trabalha uma aprendizagem em pedaços e compartimentada.

Nessa perspectiva, entendemos que as contribuições de Carl Rogers e suas abordagens para a educação foram essenciais na medida que trouxe para o setor educacional a compreensão de perceber a necessidade da formação do ser estudante de forma plural, integral, bem como perceber o professor como mediador, facilitador, ou, educador-facilitador da aprendizagem. Quebrando assim paradigmas consolidados na área, professor dono do saber e aluno passivo da aprendizagem. Vale ressaltar de igual modo a contribuição dada ao conceito de aprendizagem significativa. Segundo Rogers a aprendizagem só faz realmente sentido quando se constrói de forma a fazer sentido para o aluno, só assim o aprender se torna consciente, congruente.

Atualmente, na educação como um todo há o desafio de se construir um currículo que possibilite os necessários diálogos entre os diferentes saberes. Neste cenário se vislumbra um currículo que seja elo integração dos diferentes saberes: sócio emocional, política, digital, cultural, dentre outros, não se restringindo somente ao cognitivo. Embora esse debate seja atual, ao se estudar Carl Rogers pode-se perceber na teoria humanista, elementos que já davam conta dessa visão contemporânea do fazer pedagógico. Enfim, a teoria humanista foi uma das precursoras das discussões que hoje entendem essa necessidade de perceber a pessoa do aluno como um todo, bem como a integração dos conhecimentos e a congruência tão buscada na educação profissional para superação do dualismo, do saber prático e o saber teórico.

A educação brasileira nos últimos anos já avançou bastante com relação as concepções de abordagem humanista, como a de Carl Rogers. Entretanto, não se pode negar que o caminho ainda é longo e os contextos na sua maioria não favoráveis, que vai desde a resistência de alguns professores ao contexto econômico capitalista, que vem ditando o fazer educacional para os objetivos do capital, 'educação centrada no capital' e não na pessoa. Contudo não se chega onde quer se não se caminha para isso, assim, cabe a nós buscarmos realizar essa travessia.



Referências

A importância da obra de C. Rogers. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 8, n. 1, p. 34-36, 1988 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931988000100018&lng=en&nrm=iso>. access on 20 Oct. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931988000100018>.

AMATTO, L.L; ALVES, V.L.P. Uma reflexão a respeito da educação inclusiva e medicalização da infância a partir das ideias de Carl Rogers sobre educação. *Memorandum*, p.224-242, 2016. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a_30/amattoalves01/>. Acesso em: 14 abr. 2019.

BARBOSA, B.A.D. & BARROS, B.P. A abordagem rogeriana como uma possibilidade de intervenção, prevenção e combate ao bullying?

CURY, V. (1987). *Psicoterapia centrada na pessoa: evolução das formulações sobre a relação terapeuta-cliente*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo.

CURY, V.E. (1988). *ACP: encruzilhada de perspectivas*. *Boletim da Abordagem Centrada na Pessoa, (Edição Especial)*.

CURY, V.E. (1993). *A Abordagem centrada na pessoa: um estudo sobre as implicações dos trabalhos com grupos intensivos para a terapia centrada no cliente*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade Estadual de Campinas.

HART, J. T., & TOMLINSON, T. M. (1970). *New directions in clientcentered therapy*. Boston: Houghton Mifflin.

HOLANDA, A. (1998). *Diálogo e psicoterapia: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber*. São Paulo: Lemos.

KUENZER, Acácia. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: LOMBARDI, Claudinei; SAVIANI, Dermal (Orgs.). *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas: Autores Associados/HISTEDBR, 2005.

LIMA, L. D.; BARBOSA, Z. C. L.; PEIXOTO, S. P. L. *Teoria Humanista: Carl Rogers e a Educação*. *Caderno De Graduação - Ciências Humanas E Sociais (ONLINE)*, v. 4, p. 161, 2018.

MOREIRA, V. (1990). *Para além da pessoa: um estudo crítico da psicoterapia de Carl Rogers*. Tese de doutorado não publicada, Pontificia Universidade Católica de São Paulo.



MATIAS, E.de L.; LACERDA, R. G. de; OLIVEIRA, C. A. de; RODRIGUES, A. de C. F. (2019).
A Contribuição da Teoria Humanista para a Formação Integral do Aluno

MOREIRA, V. (2001). Más allá de la persona: hacia una psicoterapia fenomenológica mundana. Santiago: Editorial Universitario Universidad de Santiago de Chile. MOREIRA, V. (2007). De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia. São Paulo: Annablume.

MOREIRA, V. (2008). Psicología humanista fenomenológica. In A. Kaulino & A. Stecher (Eds.), Cartografía de la psicología contemporânea (pp.167-191). Santiago de Chile: LOM-Serie Universitaria.

MOREIRA, V. (2009). Clínica humanista fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica. São Paulo: Annablume.

MOREIRA, V. Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 27, N.4, 2010, p. 537-544. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n4/11.pdf>>. Acesso em:13 de abr.de 2019.

RIBEIRO, J.C.G. As intervenções de facilitação nos processos de aprendizagem. Maceió, 2007.

ROGERS, C.R. Liberdade de aprender em nossa década. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. SILVA, E.M; MORAIS, J.A; BARBOSA, I.S. As implicações da Teoria de Carl Ransom Rogers para a Educação em ciências. Revista Amazônica de Ensino de Ciências, Rev. ARETÉ, Manaus, v.6, n.10, p.63-72, 2013.

VIEIRA, Emanuel Meireles, Sobre a proposta de conhecimento presente na teoria rogeriana, ou da sabedoria residente na ignorância, revista do nufen, Ano 01, v. 01, n. 02, Agosto/Novembro 2009.

WOOD, J. K. (1983). Terapia de Grupo Centrada na Pessoa. In C. Rogers, J. K. Wood, M. M. O´Hara & A. Fonseca. Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa (pp.45-90). São Paulo: Summus.